

CORREIO

Imprime-se na TYPOGRAPHIA A-CIONAL, e distribue-se todos os dias, que não forem de guarda, pelas 8 horas da manhã.



OFFICIAL.

Subscreve-se a 20U000 rs. por hum anno; 10U000 rs. por 6 mezes; 5U000 por 3 mezes; em casa dos Srs. Viuva Campos Bellos, & Lameira, Rua do Ouvidor N.º 75.

IN MEDIO POSITA VIRTUS.

RIO DE JANEIRO, QUARTA FEIRA 9 DE ABRIL DE 1834.

PARTE OFFICIAL.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

— Joaquim Ferreira, Mestre da Sumaca Amizade, entregará a V. Ex. Carlos escravo de D. Rita Maria do Nascimento, com hum Processo, em que lhe he Parte a Justiça; elle deve ser julgado em S. Matheos, e assim rogo a V. Ex. queira remetter-o ao Juiz de Paz Cabeça daquelle Termo, dignando-se enviar-me hum recibo pelo Correio, e dar outro ao portador.

Deos Guarde a V. Ex. Rio 22 de Março de 1834. — Ilm. e Exc. Sr. Presidente da Província do Espirito Santo. — Euzebio de Queiroz Coutinho Mattozo da Camara.

— Rogo a V. Sr. não deixe sair a Sumaca Amizade, Mestre Joaquim Ferreira, que se destina ao Espirito Santo, por Campos, sem levar a seu bordo os presos Joaquim Rodrigues Ferreira; Carlos, de D. Rita Maria do Nascimento, e Francisco Cardozo.

Deos Guarde a V. S. Rio 22 de Março de 1834. — Sr. Commandante de Villegagnon. — Euzebio de Queiroz Coutinho Mattozo da Camara.

— Tenho a honra de participar a V. S., que no dia 1.º de Maio proximo, pretendo abrir a Sessão do Jury, que principiara ás 9 horas da manhã.

Deos Guarde a V. S. Rio 21 de Março de 1834. — Sr. Presidente da Camara Municipal. — Euzebio de Queiroz Coutinho Mattozo da Camara.

— Na Sumaca Amizade, Mestre Joaquim Ferreira, remetto eu ao Presidente da Província do Espirito Santo, os presos Joaquim Rodrigues Ferreira, Carlos, escravo de D. Rita Maria do Nascimento, e Francisco Cardozo; como porém essa Sumaca talvez ali se demore alguns dias, rogo a V. S., que os queira fazer guardar na Cadea, enquanto estiver ali a Sumaca, pois são réos de graves crimes.

Deos Guarde a V. S. Rio 22 de Março de 1834. — Sr. Juiz Municipal de S. Salvador de Campos. — Euzebio de Queiroz Coutinho Mattozo da Camara.

PROMOTORIA PUBLICA.

— Constando-me, que pelo Juizo de Paz do 2.º Districto de S. José se concedera fiança em caso de morte a dous pronunciados, ignorando se ja foi remettido o Processo relativo para a cabeça do Termo, ou se ainda existe subnmettido á esse Juizo, requeiro a V. S. haja de quanto antes fazer-me conhecer o que pretendo, a fim de que, enquanto se acha a noticia dentro do termo legal, eu possa promover não só a revogação dessa fiança, tão estranhamente concedida em semelhante caso, como igualmente a responsabilidade de quem convier.

Deos Guarde a V. S. Rio 5 de Abril de 1834. — Ilm. Sr. Juiz de Paz do 2.º Districto de S. José. — João Antonio de Miranda, Promotor Publico.

— Competindo-me a obrigação de dar parte ás Autoridades competentes das negligencias, abu-

sos, e prevaricações dos Empregados, que lhes são subordinados, remetto a V. S. o incluso documento, para em attenção a elle dar as convenientes providencias, que exigir o comportamento do Inspector Balbino José da Silva. De hum informação dada pelo mencionado Inspector, e collige, que Mathildes Joaquina da Cunha, se comporta de huma maneira escandalosa, immoral, o offensora da publica tranquillidade, e paz das familias; e dada por hum queixoso a competente denuncia contra a Supplicada, não só as testemunhas offercidas pelo Autor, em numero de quatro abonarão a Ré, mas tambem ainda as que ella produzio em numero de oito, residentes na visinhança, e pessoas qualificadas, e dignas de crédito, inteiramente a protegerão, a ponto de o Juiz de Paz respectivo não julgar provado o deduzido, por nenhuma culpa se attribuir á denunciada, mas tão somente á hum outra de que o Autor não fazia menção.

Destes dados se collige que, a ser verdadeiro o facto denunciado, aquelle Inspector foi omisso em cumprir os deveres, que lhe são impostos no Art. 18.º doCodigo do Processo, ou que, a ser pouco exacta a informação, á vista das informações das testemunhas, a continuação de tal Inspector não he conveniente á causa publica, e neste caso a V. S. pertence providenciar.

Deos Guarde a V. S. Rio 5 de Abril de 1834. — Ilm. Sr. Juiz de Paz do 1.º Districto de S. José. — João Antonio de Miranda, Promotor Publico.

ARTIGOS NÃO OFFICIAES.

— Celebrou-se este anno o terceiro Anniversario da nossa Regeneração Politica, com maior enthusiasmo, do que anteriormente; e apezar de que o máo tempo fizesse adiar para Domingo 13 do corrente a grande Parada, e a iluminação do Passeio Publico, disposta pela Sociedade Defensora, com tudo, os festejos, e demonstrações de jubilo geral, fizeram bastante prova dos patrioticos sentimentos do Povo Brasileiro, ao recordar-se neste dia dos successos da época memoravel da sua feliz Regeneração. Além das salvas do costume em taes dias, embandeiramento das Fortalezas, e Vasos de guerra, tanto Nacionais como Estrangeiros, cantouse na Imperial Capella hum solemne Te-Deum; e pela hum hora S. M. I. recebeu no Paço as Felicitações do Corpo Diplomatico, dos Officiaes das Embarcações de Guerra, Estrangeiras aqui surtas, e de numerosos Cidadãos Brasileiros, e Authoridades Civis e Militares, que havião concorrido para cumprimentarem o Imperador Brasileiro, no anniversario de sua elevação ao Throno.

A' noite, estando já reunidos em grande numero os Socios da Sociedade Defensora, na casa das Secretarias da Justiça, e Marinha, cujas salas havião

sido elegantemente preparadas para o Baile da Sociedade: e postada na porta huma Guarda de Honra do novo Batalhão d'Artilheria da Guarda Nacional, chegou S. M. I. (pouco antes das nove horas), trazendo em sua companhia as Augustas Princezas suas Irmãs, os Exm. Regentes, o Exm. Tutor, o Exm. Marquez Mordomo Mór, a Exm. Camareira Mór, Damas, e mais Officiaes de seu serviço. S. M. e Altezas forão recebidos com grande enthusiasmo pelo Presidente do Conselho da Sociedade, e Ministros de Estado, e tomárão assento no Throno, que na Sala do Festim se lhe havia preparado. Esta sala achava-se então brilhantissima, fazendo realçar muito a elegancia do seu adorno, e iluminação, o concurso de muitas Senhoras ricamente vestidas, de muitos Diplomatas e Officiaes Estrangeiros, de muitos Socios das classes mais distinctas, em todos transbordando o patriotico jubilo de verem pela primeira vez no seio de tão distincta Sociedade o Joven Innocente Imperador Brasileiro, que a maldade dos inimigos da nossa Regeneração Politica tem querido separar daquelles, que defendem com dignidade o seu Throno, defendendo a Regeneração gloriosa do Brasil.

Finda a symphonia de tão magnifica entrada, e cantado em grande orchestra o Hymno Nacional, o Presidente da Sociedade o Sr. João da Silveira Pilar fez hum breve discurso analogo á solemnidade do dia, e terminou com os Vivas á Nação Brasileira, á Constituição, ao Imperador o Senhor D. Pedro II., ás Princezas Brasileiras, á Regencia Permanente, á Asembléa Geral Legislativa, concluindo com vivas ao dia 7 de Abril, e que forão por tres vezes repetidos, e todos com extraordinario enthusiasmo respondidos, não só pelas pessoas, que enchião a grande sala, como tambem por muitas centenas de Socios, que nas salas immediatas, ou descansavão, ou esperavão revesar-se pelas que estavam na grande sala do Baile.

Executarão-se então concertos, em que cantavão algumas Senhoras. Seguirão-se as danças, que forão começadas pelas Senhoras Princezas D. Januaria, e D. Francisca. O acerto e graça, com que tão interessantes Senhoras honravão este Acto rompendo o Baile por huma Gavota, acendeo muito mais o enthusiasmo dos patriotas espectadores, que fizeram huma explosão de sinceros applausos, apenas Suas Altezas concluíram a dança.

Seguirão-se varias contradanças, servindo-se nos intervallos, e com profusão,

muitos refrescos e doces. S. M. e Altezas mostravam em sua alegria a satisfação de que estavam possuídos os seus corações; esta alegria achava hum fíel correspondencia nos semblantes de todos os Socios da Defensora, que por muitas vezes lhes derão provas de amor e respeito, quando por entre elles passeavam visitando as salas. Assim em tenro coração se imprimem as doces affeições de quem reconhece agora a Nação como desvelada e carinhosa Mãe; e hum Povo, que vê o Monarcha seu patricio confiar-se de sua fidelidade, e por assim dizer, fraternisar-se com hum Sociedade, cujo timbre he a defesa da Liberdade e Independencia do Brasil, fará sempre os mais heroicos esforços para lhe sustentar essa Corôa adornada de innocencia, que alguns malvados tem pretendido arrancal-a, para de novo offerecel-a á quem não soube sustental-a.

Pelas onze horas, ou pouco mais, S. M. I., e Suas Augustas Irmãs, se retirarão com todo o seu sequito para o Paço, e á sua saída recebeu novas demonstrações da publica satisfação nos repetidos vivas, que tanto dentro, como fóra da casa, lhes forão dados. O Baile continuou até muito de madrugada, sempre com o mesmo esplendor, e geral cordialidade, sem que houvesse em tão grande concurso o menor desaguisado, e sem que faltasse a attenção dos Socios encarregados deste Festejo ao commodo, e bom acolhimento de tantos, e tão distinctos hospedes; podendo sem exaggeração dizer-se, que o Baile da Sociedade Defensora no anniversario do memoravel Dia 7 de Abril de 1834, foi hum função brillantissima, completa, e assaz significativa, aos *Caramurus*, dos honrados sentimentos de todos os Brasileiros regenerados.

— Este dia foi também solemnizado com obras de publica utilidade, e de philantropia. A nova Fonte, que se construe no Largo chamado da Carioca, soltou, á hora do meio dia, a agua do seu reservatório, por 12 torneiras, ao povo, que o recebeu com muitos vivas, assistindo á este acto o Ex. Sr. Ministro do Imperio, que muito se desvela em concluir esta, e outras obras de publica utilidade. Teve não pequena parte neste beneficio, que também assignala o dia 7 de Abril, o zelo do Sr. Coronel *Manoel José de Oliveira*, Inspector das Obras Publicas.

Em reunião festival dos Mações do Oriente da rua do Passeio, forão apresentadas duas Pardinhas, e ali receberam as suas Cartas de Liberdade, á expensas de todas as Lojas do circulo da Cidade, as quaes neste dia, e em 7 de Setembro, costumão fazer iguaes beneficencias.

Discurso do Presidente da Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia do Brasil.

SENHOR. — A Sociedade Defensora da Liberdade, e Independencia Nacional no Rio de Janeiro, solemnizando o faustissimo Dia 7 de Abril, dá hum prova não equivoca do quanto se interessa na Exaltação de V. M. I. ao Throno do Brasil. Ella sente hoje o mais vivo enthusiasmo, por ver a V. M. I., e as Augustas Princezas Brasileiras, cheias de confiança no gremio da reunião de Cidadãos livres, applaudindo, com elles hum Dia verdadeiramente Nacional!

Este quadro brillante he o melhor desmentido, que a Sociedade Defensora podia dar ás intrigas daquelles, que inculcão falsos terrores com hum Associação, que tem sustentado, e ha de sustentar, os Direitos da Nação, e os do nosso primeiro Monarcha nascido na Terra de Santa Cruz.

Viva a Nação Brasileira. — Viva a Constituição. — Viva o Imperador o Senhor D. Pedro 2.º — Vivão as Princezas Brasileiras. — Viva a Regencia Permanente. — Viva a Assembléa Geral Legislativa. — Viva o Dia 7 de Abril. — Viva o Dia 7 de Abril. — Viva o Dia 7 de Abril.

O Presidente da Sociedade, João Silveira do Pilar.

HYMNO AO DIA SETE DE ABRIL DISTRIBUIDO NO BAILE.

*Salve, Dia Brasileiro,
Presente da Divindade;
Tu foste nas nossas plagas,
O Astro da Liberdade.*

Enramai de novo a fronte,
Brasileira mocidade;
Já doirou nosso horizonte
O dia da Liberdade.

Salve &c.

Liberais do mundo inteiro,
Que presais tal qualidade,
Exultai, também vos tocão
Os tropheos da Liberdade.

Salve &c.

Enraivado o Despotismo,
Em cruel anciedade,
Com furor bradava — ferros!
Respondeo-se — Liberdade!

Salve &c.

Percorreo do Brasil todo
Este brado a extensidade;
Retumbou do Sul ao Norte
O eco da Liberdade.

Salve &c.

Phalanges bravas se erguerão
Com egregia heroicidade,
Offertando á balla os peitos,
Para haver-se a Liberdade.

Salve &c.

Eganou-se o ferreo sceptro.
Entre as mãos da iniquidade,
Parabens, Brasileira Gente,
Renasceo a Liberdade.

Salve &c.

Rasgarão-se as densas trevas
Que enlutavão a Verdade;
Brilharão nossos Direitos
Ao Clarão da Liberdade.

Salve &c.

Prejuizos sustentados
Pela mão da velha idade,
A Razão cederão campo,
Triumphou a Liberdade.

Salve &c.

Na lucta dos homens Livres
Não gemeo a Humanidade;
Nem verter-se o sangue humano
Triumphando a Liberdade.

Salve &c.

Quando a França exulta livre
Sobre horrenda mortandade,
O Brasil proclama ao Mundo
A mais pura Liberdade.

Salve &c.

Mães, Esposas, não chorarão
Em terrivel orphandade,
Nasceo de risos cercada
A Brasileira Liberdade.

Salve &c.

Não dictou as acções nossas
Das paixões louca vontade;
A razão foi nossa guia
Procurando a Liberdade.

Salve &c.

A virtude, e a Paz traçarão
Entre nós doce amizade;
A Moral sandou no berço
Nossa justa Liberdade.

Salve &c.

Sustentai, Brasileira Gente,
Deste Dia a Magestade,
Seja Lei de vossos peitos —
Ferreos nunca — Liberdade —

Salve &c.

Por J. M. A.

Ao Feliz Anniversario da Gloriosa Regeneração Política do Imperio do Brasil, em o sempre memoravel Dia 7 de Abril de 1831.

SONETO.

Salve ó Dia Feliz! Egregio Dia!
SETE DE ABRIL do Anno mais ditoso!
Do despotismo audaz, fero, e damnosos,
Quebrou-se d' hum vez a valentia.

Triunfastes ó Brasil! e a tyrannia
Do Bragantino ingrato e caviloso;
Já não existe. Brasil és venturoso!
Salve ó Dia Feliz! Egregio Dia!

Parabens, parabens, ó Patria Amada!
Teos Filhos já não soffrem cativoiro,
A LIBERDADE em ti fez já morada.

Ah! tens enfim Monarcha Brasileiro!!!
E he mais facil ficares arrazada,
Que outra vez imperar Pedro Primeiro.

Por B. J. de P. A.

DEDICADO AO GLORIOSO DIA 7 DE ABRIL DE 1834.

NOTE.

*Defender os Patrios Lares,
Ter amor á LIBERDADE;
E dos Filhos do Brasil
A maior Heroicidade.*

GLOZA.

Embora rompendo mares,
Tente vir Pedro tyranno,
Sabe o Povo Americano
Defender os Patrios Lares:
Fazendo voar aos ares
Turba vil d'atrocidade;
Corajoso sempre hade
Sem temer impios horrores,
Destruir restauradores
Ter amor á LIBERDADE.

Se Pedro em SETE D' ABRIL,
Do Trono se pôz ausente,
Essa Gloria unicamente,
E dos filhos do Brasil.
Já se rasgou plano hostil
Da sua negra maldade;
E p'ra bem da Humanidade,
Não querer Pedro primeiro
Será do Bom Brasileiro
A maior Heraicidade.

Por B. J. de P. A.

O BANCO DO BRASIL.

Já publicamos neste Jornal a Lei do novo Banco do Brasil, e adiante, neste Numero, verão nossos Leitores hum Aviso, que faz publica a installação da Commissão criada pela Presidencia em S. Francisco de Paula, para promover acções, a fim de se realizar este utilissimo Estabelecimento Nacional: e iguaes Commissões estão criadas na Capital, e nesta Villa que devem incessantemente principiar os seus trabalhos. Se deixassemos agora de arriscar as nossas observações sobre este tão importante objecto, seria hum grave ommissão, em hum Folha privativamente industrial.

Hum Banco no Brasil he hoje hum objecto não só da mais util, e transcendente importancia para a prosperidade do Commercio, e da Industria, mas de absoluta necessidade, na crise actual do Imperio, em relação ao estado do nosso meio circulante. A utilidade de semelhantes Estabelecimentos só he desconhecida por quem não tem a mais leve noção da sua organização, e do seu objecto, e fins; e dos effeitos salutaes, que tem tido na Inglaterra, e nas outras Nações, que melhor entendem os interesses industriaes. Hum Banco Nacional quando he bem organizado (no sentido do novo Banco do Brasil), e fóra do alcance da ambição, e do arbitrio dos Governos, traz os resultados mais importantes para a prosperidade geral, e para o interesse privado.

Hum tal Estabelecimento, assim acobertado por Instituições garantidoras da propriedade, e da Industria, accelera sobre maneira as transacções commerciaes, offerece aos Capitalistas segurança de interesses, e de capitães no estabelecimento de seus fundos, mais do que poderiam encontrar nas mãos dos particulares; multiplica instantaneamente, pela emissão de suas notas realisaveis, a circulação dos fundos, amplia o giro commercial; dá hum nova vida, e

hum desenvolvimento rapido e seguro a todos os ramos da Industria Nacional; e liga os interesses particulares á ordem publica, e á consolidação das Instituições. Mas se estas vantagens são sempre o seguro resultado de taes Estabelecimentos, quando bem e appropriadamente constituídos, elles se tornão o unico correctivo, e o unico recurso, em huma crise monetaria, qual a que nesta conjunctura afflige, e entorpece o Brasil. Todos sentem, desgraçadamente, a gravidade dos males resultantes dessa moeda incommoda, e depreciada, que, introduzida pela ignorancia dos principios financeiros, ou pela indifferença das cousas publicas, e pela immoralidade, tem obstado ao movimento do commercio, e tem paralisado, e reduzido as fortunas particulares; e todos do mesmo modo conhecem, que a medida Legislativa, que vai ser executada para remediar o mal, (o recolhimento do cobre por Sedulas) não pôde ter outro effeito mais do que o aliviar momentaneamente o soffrimento, sem trazer huma cura radical. A crise só poderia ser desviada substituindo se o cobre pelos metaes preciosos, ou por hum papel realisavel; e esta operação não he, nem possivel, nem praticavel directamente pelo Governo, onerado com a enorme divida, que lhe deixou a Administração transacta, e que absorve por agora as rendas, e economias da Nação, importando o seu solvimento a salvação do credito publico, que he o primeiro interesse Nacional. O Poder Legislativo, na criação de hum Banco do Brasil, lançou mão do unico meio, que tinha a adoptar.

A triste recordação do antigo Banco do Brasil, de sua marcha irregular, e de seu desastroso fim, não deve servir de obstaculo ao pronto estabelecimento do novo Banco, pois que tanto differem em sua essencia, como nas circumstancias, em que forão estabelecidos: o primeiro, gerado debaixo do bafo empestado, e mortifero, do absolutismo, não tinha em sua constituição organica, nem nas garantias sociaes, o principio devido de crescimento, e de vigor, para resistir aos golpes, e voracidade do poder arbitrario; mas o novo Banco vê a luz do dia debaixo de influencias mais vivificadoras, e benéficas de Instituições, que sensivelmente se consolidão, e que, da maneira mais terminante, assegurão a liberdade, e a propriedade; e tornão hum semelhante estabelecimento invulneravel á acção do despotismo. As medidas fiscaes, e golpes administrativos, não poderão mais ter lugar sob o regimen do Governo, que nem quer, nem pôde violar a propriedade, que he responsavel de seus actos, e que tira o principio da sua existencia, e conservação, só da opinião, e vontade Nacional.

He pois de esperar, que os Capitalistas desta Provincia, já tão distinctos por seu espirito publico, e actividade industrial, e pelo desinteresse, com que tem excitado admiração dos Nacionais e Estrangeiros (*), nesta occasião, em que o patriotismo vai de accordo com o interesse privado, mostrão, que sabem combinar os seus interesses com a prosperidade publica, subcrevendo com seus fundos, até se poder estabelecer hum Banco filial na Provincia, cujo effeito será sem duvida, facilitar a acção benéfica do Banco Nacional, o desenvolvimento da industria, e a conservação da ordem publica nesta parte do Imperio.

(Do Propagador da Industria Rio Grandense de 22 de Janeiro de 1834, N. 93.)

ORDEM DO DIA.

Quartel General no Campo da Honra, 6 de Abril de 1834.

Publico, para conhecimento da Guarnição, que a Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II., Houve por bem, por Decretos de 3 do corrente mez, Nomear para Director da Fabrica da Polvora o Sr. Tenente Coronel do Corpo de Engenheiros Manoel Joaquim Pardal, para Vice-Director da mesma Fabrica o Sr. Major de 1.ª Linha Sebastião José Rodrigues; Promover a Primeiro Tenente do sobredito Corpo de Engenheiros, com antiguidade de 6 de Novembro do anno proximo passado, o Sr. Segundo Tenente Honorio José Ferreira; e por Decreto de 4 Conceder demissão do serviço ao Sr. Segundo Tenente d'Artilheria de 1.ª Linha José Joaquim Fernandes Pinheiro da Cunha, como

(*) Entre outros factos, que fazem honra aos Capitalistas da Provincia, basta recordar o prodigioso donativo, e ao avultado emprestimo, com que occorrerão ás necessidades publicas na ultima guerra.

me foi communicado em Aviso de 5 do corrente mez. — Manoel da Fonseca Lima e Silva, Commandante das Armas.

José Joaquim de Gouvêa, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Juiz de Paz do 1.º Districto da Freguezia de S. José.

Faço saber, que tendo eu de comparecer na Junta de Paz amanhã, fica transferida a Audiencia deste Juizo para o dia Quarta feira 9 do corrente.

Rio 7 de Abril de 1834, Antonio José da Rocha Freitas, Escrivão interino, que o escrevi. — José Joaquim de Gouvêa.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Mr. Rutter de *Lymington*, já conhecido na Inglaterra por hum Tratado sobre a illuminação pelo gaz, acaba de inventar hum novo combustivel, cuja base principal he agoa. A esta ajunta-se azeite de balea, alcatrão, em huma palavra, qualquer liquido, que contenha grande porção de *Carbone*. As taes materias se introduzem de mistura em huma fornalha, e como na sua combinação humas perdem o *Carbone*, e a agoa deixa evaporar o hydrogeneo, basta diminuta porção do ar atmosferico para entreter huma combustão perfeita. A lavareda he de hum esplendor e intensidade maravilhosa, de que he difficil fazer idéa; e além disto dirige-se com tanta facilidade, que se pôde, em hum segundo, minguar, ou ampliar o seu volume. Este novo combustivel não gera fumaça; e se se applicar á navegação de vapor, escusa haver chaminé. O tal methodo, está em uso ha mais de tres mezes nas fabricas de gaz de *Lymington* e de *Salisbury*.

(*Le Temps* 23 Setembro).

Vimos emfim realisado o rompimento entre Paraguay, e Correntes, que tantas vezes annunciãrão repetidos jornaes. Acordou o tyranno do letargo, em que ha vinte annos parecia estar submergido, e, tomando a offensiva contra o Governo de Correntes, sem previa declaração de guerra, e sem recurso aos meios brandos, e conciliatorios, que a prudencia, e os direitos das Gentes reclamão: tratou de resolver com as armas huma questão, que ha muito deveria achar-se decidida, qual he, se por ventura ha de o Povo do Paraguay continuar a viver á imitação de hum rebanho de escravos, submettido ao capricho de hum tyranno, ou se deve, como todos os mais Povos livres do Rio da Prata, gozar dos direitos para que o destinou a natureza. Vai decidir-se a sorte do Dictador Francia; ou elle ha de continuar á ser o inimigo commun da liberdade, e civilização das Provincias Argentinas; ou então estas, bastante industriadas pela experiencia de vinte annos de soffrimento, darão a devida recompensa á hum insolente despota, que durante o periodo de toda a revolução regosijou-se com os males dos Povos, zombando de seus sacrificios. Podemos avançar, que esta questão vai decidir da vida, ou morte do Dictador. O primeiro tiro, que disparar contra os Correntinos resoará por todos os angulos da Republica Argentina, dando o signal de hum combate sagrado, á que todos devem concorrer, á fim de salvar hum povo oppresso, e cujo captiveiro não he tão ignominioso para elle, qualquer que seja o estado de abjecção, á que se supponha ter chegado, como para os outros Povos, que o rodeião desde que lhes seja permitido por seus negocios domesticos empregar a sua attenção em objecto de tanta consideração. A humanidade, a civilização, a gloria, tudo se interessa

na decisão de tão importante feito: nem seria completa a gloria da Republica Argentina, se, principiando hoje á gozar de tranquillidade interna, deixasse escapar huma occasião, em que o mesmo tyranno provoca a sua vingança, invadindo o territorio, que nunca deixou violar impunemente.

Proclamação do Governador e Capitão General da Provincia de Correntes.

Cidadãos! Os escravos do tyranno de Paraguay, em numero consideravel, e com temivel apparencia, ousados pizão as raias do nosso territorio. Infelices! Ignorão ainda hoje, que só aos olhos dos tyrannos pode ser hum crime a defesa da Patria! Ignorão que as armas empunhadas por homens livres são infinitas vezes mais vigorosas que aquellas, que maneão vis escravos do despotismo! Elles não serão contudo responsaveis pelas desgraças, que se preparão, se por ventura, aproveitando o primeiro momento favoravel, despedaçarem as cadeias, que arrastão, depondo as armas fraticidas, e correndo pressurosos ao nosso Campo, onde, entre seus benignos irmãos, poderão gozar da doce aura da liberdade, de que se vem privados sem consolo. Só o tyranno, que os envia, responderá perante Deos e a Nação Argentina pelos flagellos da guerra, com que nos intenta supplantar.

Compatriotas! Nosso Exercito em campo, arrebatado do maior enthusiasmo e energia, se dispõe á oppor ao inimigo a mais vigorosa resistencia: varios Esquadrões de linha e de milicia marchão com rapidez á engrossar as suas intrepidas fileiras: o Governo incessante vela, e não deixa hum só momento de proporcionar todos os recursos necessarios á exigencia actual das cousas, em quanto o imperio das circumstancias reclamam-as.

Cidadãos! Nunca o entusiasmo domina com tanto orgulho á frente dos nossos bravos guerreiros, como na presente occasião, em que elles tem de combater com hum inimigo, que se intitula poderoso. O Governo vos considera possuidos de iguaes sentimentos; e espera, que accelerados voeis com as armas na mão á defesa de vossa Patria, que se compõe dos vossos lares, dos vossos interesses, e das vossas caras familias. Por esta occasião se convida á todos os habitantes, e residentes nesta Capital, que se não acharem ainda alistados na legião civica, á que se apresentem, no termo de vinte e quatro horas, ao Commandante do referido Corpo, para que lhes faça conhecer as diferentes companhias á que se devem incorporar, segundo as circumstancias exigirem. Preenchido este dever será mais forte a garantia da vossa conservação, e ficarão de alguma sorte satisfeitos os desejos do vosso melhor amigo, e compatriota — *Rafael Atieuzá*. — Correntes 17 de Janeiro de 1834.

(*Da Gazeta Mercantil*)

A guerra civil no Mexico estava quasi á expirar. Depois de muitos encontros parciaes com variados successos, o Presidente General Santa Anna conseguiu subjugar o corpo principal das forças inimigas, que se achavão debaixo do mando do General Aruta. A acção, que foi bastante renhida por motivo da vantajosa posição, que occupavão os contrarios, teve lugar no dia 9 de Outubro, em Mellano, junto ás immedições de Guanaxuato. O General Aruta

capitulou com 1,500 homens, não fallando em hum Batalhão, que se havia passado previamente, debaixo da unica condição de ser livre a sahida do Paiz á todos os Soldados, e Officiaes da Força rendida, a qual foi cumprida, sendo taes individuos conduzidos debaixo de escolta para Vera-Cruz á serem embarcados.

Os Generaes Duran e Garcia, companheiros de Aruta se achavão ainda em campo, o primeiro com 500 homens, e o segundo com huma força menor, porém ambos erão perseguidos com energia, e julgava-se, que bem depressa terião de succumbir.

Os estragos da colera-morbus tinhão já cessado na Capital do Mexico, porém foi tal a mortandade, que as exalações dos cadaveres inficionarão inteiramente a atmospheria, dando isto lugar a receiar, que se renovasse a peste, ou que originasse alguma outra epidemia. Em Vera-Cruz tambem já menos se fazião sentir os effeitos da enfermidade, porém quasi a quarta parte da população havia já desaparecido.

Huma força naval Franceza, enviada pelo Governador de Martinica, dirigio-se ao Governo de Cartagena, exigindo a reparação dos aggravos, que dizia terem sido feitos ao seu Consul, Mr. Adolphe Barrot, e para cujo effeito se encaminhava de França huma esquadra commandada pelo Almirante Mackau. O Governo de Cartagena, desconhecendo o direito de Martinica para pedir huma semelhante satisfação, e allegando, que não tinha authorisação para concedel-a, impugnou, fazendo ver que o conhecimento de tal negocio era da unica attribuição dos Governos Supremos de ambos os Estados. O Commandante da força naval, desattendendo á taes razões, declarou, que se no termo de dous dias não se dêsse a satisfação reclamada, infallivelmente bloquearia o porto; declaração esta, que deu lugar á hum protesto da parte do Governador da Praça. Neste estado ficavão os negocios até o dia 8 de Outubro.

[Idem.]

VARIEDADES.

Cotimuação das Notas ao Artigo sobre a civilização dos Aborígenas, publicado no Correio Official N. 76.

(E.) Ao meio dia chegamos perto de huma povoação nova que se estava construindo, e prendemos a Embarcação a huma arvore. O arraes esperava obter ali alguma tartaruga em troco de cachaca, mas não desembarcou. Mr. Hipde e eu, fomos á terra, e vimos muitos Indios todos juntos, parecendo vigiar-nos com muita attenção, e tendo fallado a hum delles, não nos entendeu, mas diligenciou fazer-nos perceber que havia ali hum padre, e apontou para o lugar aonde elle residia, e dirigindo-nos para a tal casa dois rapazes correrão a dar noticia ao padre de que o híamos procurar. Achámos o padre, que era velho e com os cabellos todos brancos, e parecendo admirado de nos vêr, logo que lhe dissemos quem eramos, recebeu-nos com muito agasalho, e nos disse que o seu nome era José das Chagas; que tinha por muitos annos procurado estabelecer e civilisar os Indios em diferentes povoações, e que estava então occupado, por ordem do Governo, em fundar huma povoação da tribu Mura, que até então vivião em cabanas a pouca distancia huns dos outros no mato, seni obedecerem a Leis ou ao Governo, ou terem religião alguma, e foi-nos mostrar o progresso

que tinha feito. No espaço de dois mezes tinha reunido perto de cem Indios, que tinha collocado em habitações edificadas em correntezas como ruas, e tinha quasi acabado huma boa Igreja, e não pequena, não tendo elle dado ainda nome á povoação, o que só tencionava fazer depois da Igreja estar acabada.

Em quanto estavamos vendo a povoação, os Indios estavam evidentemente vigiando-nos, e o padre vendo varios delles reunidos debaixo d'humas arvores, disse-lhes gracejando, que se hia embora com nosco. Os Indios ficarão muito descontentes, e começaram logo á seguir-nos, e algumas das crianças correrão e agarrarão o bom Padre, para prevenirer, que elle se fosse embora. Quando nos despedimos, o Padre insistio em nos fazer presente d'huma tartaruga para a viagem.

Apenas tinhamos novamente embarcado, começou o arraes a fallar com pouco respeito do padre, sendo o motivo, o elle não ter podido obter tartaruga alguma á troco de cachaca, dizendo, que antes do Padre ali chegar, os poucos Indios, que ali residião, se empregavão em apanhar tartaruga, que trocavão por cachaca com as embarcações que navegavão no rio, mas que o Padre agora não os deixava beber. Ainda mal, porém tinha o arraes acabado, quando huma canoa com dous Indios, que não podião passar sem o seu antigo vicio, vierão á nossa embarcação com huma tartaruga, e a trocarão por meia garrafa de cachaca. Encontrámos ao depois algumas canoas pescando, e dellas obtivemos algum peixe em troco de farinha. Notei que alguns dos Indios nestas canoas tinhão barba e suissas, com feições Europeas, o que he raro entre elles, e he possível que sejão descendentes d'alguns Europeos, que formarão parte d'algumas das primeiras expedições. Perto da noite passámos a embocadura do rio Madeira, que apenas se podia ver, em consequencia de huma ilha, que estava situada entre nós e a boca do rio. A reunião do Madeira alterou o curso do Amazonas do Leste hum pouco sul, para o E. NE.

Quasi de longo com a embocadura do Madeira havia huma chacra de cacáo, cuja casa parecia boa. As arvores do cacáo distinguem-se pela sua folhagem ser d'huma cor mais amarella do que o mato proximo. Foi com não pouca admiração que aqui vimos vir a canoa com os dois Indios que trocarão a tartaruga por cachaca, cujos effeitos bem se demonstravão, e trazião elles agora tres galinhas em troco das quaes levarão huma garrafa inteira de cachaca.

Hindo á casa aonde o arraes estava negociando, disserão-nos que Serpa era huma das povoações mais antigas no rio, mas a pessoa que nos deo esta informação queixou-se de falta de braços, e elle e o cabo, principiarão logo a fallar mal dos Indios, dizendo que elles só podião ser domesticados tratando-os com rigor, e certificarão-nos que os que tinhamos visto na ultima povoação não tardarião a fugir para o mato, logo que o padre os deixasse.

(Narrativa da Passagem do Pacifico ao Atlantico por Henrique Lister Muw. pag. 217.)

Cobra prodigiosa na India.

Tars. Hum terrivel animal da especie das cobras voantes (flying serpent) infesta de algum tempo para cá a estrada Real na nossa vizinhança. Seu veneno he de natureza tão sutil que o

seu simples bafio afoga os viandantes sobre os quaes elle bafega; logo depois elle os devora. Ultimamente 40 homens tomarão a corajosa resolução de o ir atacar, porém dos 40 sómente dois que mais se fiavão nos seus patuás e feitiços, ousarão approximar-se. Hum d'estes apesar de todos os seus encantos cahio morto ao primeiro bafego do monstro, que immediatamente o agarrou para o engolir. O companheiro á vista da sorte d'aquelle, retirou se á toda pressa, e foi dar ao bando dos 40 valentes aldeãos conta do desgraçado resultado da expedição e do facto do infeliz irmão d'armas. — Hurkaru.

(Jornal da India de 17 de Setembro.)
(Times do 1.º de Fevereiro.)



MOVIMENTO DO PORTO.



Para. Sahirão no dia 7. de Abril.

Genova — Barca Sarda, Sultão.
Bordeaux — Bergantim Francez, L'Adhemar.
Rio de S. J. — Sumaca Alegria dos Açõnjos.

Sahirão no dia 8.

Porto — Barca Nacional Aventura.
Porto Alegre — Brigue Escuna dita, Porto Alegre.
Dito — Pataxo dito, Constante Oliveira.
Rio de S. João — Sumaca Alegria dos Anjos.
Dito — Dita S. José.
Campos — Dita Santa Anna.

Donde. Entradas no dia 7. de Abril.

Rio Grande — Brigue Escuna Nacional Deidonde, 10 dias, passageiros 1, Portuguez, e 2 escravos.
Dito — Bergantim dito, Bom Jesus, 11 dias.
Dito — Pataxo dito, Novo Triunfante, 9 dias.
Dito — Sumaca Nova Lionidia, 18 dias.
Ilha Grande — Dita Correio da Ilha Grande, 2 dias, passageiros Antonio Raimundo Barreto, Manoel de Sampaio Oliveira, e 2 escravos.
Dito — Dita S. Francisco de Paula, 3 dias, passageiro Joaquim José de Carvalho.
Mangaratiba — Dita Boa Fé, 3 dias.
Ubatuba — Dita Santo Antonio Ditozo, 3 dias, passageiro José Rodriguez.
S. Sebastião — Dita Senhor dos Passos, 12 dias, passageiro Manoel Joaquim Teixeira.
Tago-hy — Lancha S. José, 2 dias.
Dito — Dita Senhora das Dores, 2 dias.

Entradas no dia 8.

Bordeaux — Barca Franceza Salamandre, 67 dias, passageiros 2 Francezes.
Liverpool — Bergantim Inglez Abcona, 61 dias, passageiros 1 Inglez, e 1 escravo.
Angola — Bergantim Portuguez Rio Tua, 30 dias, ficou de quarentena.
Buenos Ayres — Brigue Escuna Americano Unites-Estates, 19 dias.
Liverpool — Barca Ingleza John, 87 dias.
Dito — Dita John Franklin, 64 dias, passageiros 2 Inglezes.
Dito — Bergantim dito, Shaanon, 45 dias.
Dito — Dito, Sterling, 65 dias.
Dito — Dito Hontford, 58 dias, passageiros 2 Inglezes.

Dito — Dito Doris, 59 dias, passageiro 1 Alemão.

New Castle — Dito Canzader, 70 dias.
Trieste — Dito Nancy, 69 dias, passageiro 1 Hespanhol.

Londres — Dito Eagle, 57 dias, vem arribado por falta d'agua.

Dito — Bergantim Inglez Alexander, 64 dias, passageiros 1 Inglez.

Bremen — Barca Bremense Harmonia, 74 dias.

Laguna — Escuna Nacional Feliz Amizade, 9 dias, passageiros o Americano Fernandes de Oliveira, Manoel Francisco de Medeiros, Benedicto de Souza Martins, e João Egidio Ribeiro.

Dito — Sumaca União, 17 dias, passageiro 1 Portuguez.

Ignape — Dita Minerva, 18 dias, passageiros Virissimo José da Silva, e Francisco José Gina.

Rio Grande — Dita Novo Accordo, 11 dias, passageiro 1 Francez.

Ubatuba — Lancha Aura, 2 dias, passageiros José Joaquim de Queiroz, Felipe da Silva Cruz, e Manoel Peres.